

ESCOLHAS LEXICAIS NA COMPOSIÇÃO DA OBRA RIO TURUNA, DE ELI BRASILIENSE

LEXICAL CHOICES IN THE COMPOSITION OF ELI BRASILIENSE'S BOOK RIO TURUNA

Cinara Teodoro Maia¹

UFT

Daniel Marra²

IFTO

Resumo: Este artigo analisa unidades lexicais e expressões lexicalizadas identificadas na obra *Rio Turuna* (1964), de Eli Brasiense, que recobrem os sentidos da palavra “Turuna”, de modo a evidenciar a forma como o autor compõe sua narrativa por meio de uma criteriosa seleção lexical que busca dar conta dos entornos significativos que envolvem o ambiente físico e as personagens da obra. Além disso, mostra como a metáfora e a metonímia são abundantes e operantes no processo de criação lexical, evidenciando como os sentidos dos vocábulos sob análise foram criados e se estabeleceram por meio de processos metafóricos e como o uso dessas unidades lexicais contribuem para a finalidade da composição literária, do estilo e do conceito apresentados no livro. Realça, finalmente, que tanto a criação de um item lexical, as novas formações (neologismos) e expressões idiomáticas, quanto suas variações de sentido envolvem objetivos pragmáticos, como a necessidade de expressão de novos sentidos relacionadas a realidades identificadas no mundo empírico.

Palavras-chave: Léxico. Turuna. Metáfora. Metonímia. Eli Brasiense.

Abstract: This article analyzes lexical units and lexicalized expressions identified in Eli Brasiense's book *Rio Turuna* (1964), which cover the meanings of the word *Turuna*, highlighting the way in which the author composes his narrative through a careful lexical selection that seeks to give account of the significant meanings that involve the physical environment and the characters of the book. Furthermore, it shows how metaphor and metonymy are abundant and operative in the process of lexical creation. The analysis investigates how the meanings of the words under analysis were created and established through metaphorical processes and how the use of these lexical units contributes to the purpose of the literary composition, style and concept presented in the book. Finally, it shows that both the creation of a lexical item, the new word-formations (neologisms) and idiomatic expressions, as well as their variations in meaning involve pragmatic objectives, such as the need to express new meanings related to the realities identified in the empirical world.

Keywords: Lexicon. *Turuna*. Metaphor. Metonymy. Eli Brasiense.

Recebido em 9 de abril de 2024.

Aprovado em 22 de julho de 2024.

¹ Licenciada e Mestra em Letras - Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: cinara.maia@hotmail.com

² Doutor em Letras e Linguística (UFG). Professor EBTT do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Palmas. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFT/Porto Nacional). E-mail: danielmarra@ifto.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2946-3722>

Introdução

Dentre todas as dimensões da língua, a lexical é aquela que armazena e representa as experiências culturais de cada grupo social. Nessa perspectiva, Maria Tereza Biderman (1981) compreende o léxico como um tesouro vocabular de uma língua, visto que ele armazena os conceitos linguísticos referentes ao mundo físico e cultural, transcendendo as culturas humanas atuais e do passado. Segundo a autora, “o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem, é, na verdade, uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extralinguístico” (BIDERMAN, 1981, p. 138).

O linguista Eugênio Coseriu (1921-2002) compreendia a língua como uma atividade criadora que envolve o saber tradicional de uma comunidade de falantes. Essa atividade criadora, em constante movimento e desenvolvimento, é composta por signos linguísticos cujas variações resultam de um conjunto de fenômenos de natureza diatópica ou geográfica, diastrática ou social e diafásica ou situacional. Para Silva (2006), nesse movimento contínuo, a língua amplia seu acervo, ora pela invenção de novos significantes, ora pela (re)significação dos já existentes; sempre atendendo a necessidade do contexto, as palavras são (re)formuladas ou (re)apropriadas. O autor ressalta ainda que tais (re)formulações acontecem de acordo com a necessidade do indivíduo ou da comunidade, dos grupos sociais, culturais e geográficos que se servem das normas regentes da língua, podendo, assim, adaptar significados e significantes de acordo com sua história, época e cultura.

Conforme esclarece Brait (1994-95), comunidades linguísticas ou sociedades organizadas apresentam, no convívio cotidiano, variações com características locais, em diferentes níveis, quanto às estruturas fonológica, gramatical e lexical. Tais variações, como complementa Isquerdo (2008), podem ainda ser classificadas como diatópicas, quando ocorrem em razão da localização geográfica, como nas regiões fronteiriças interestaduais e interpaises. Nesse caso, tornam-se objeto de intenso estudo da Dialectologia, ramo da ciência que se ocupa em estudar e interpretar os acontecimentos linguísticos predominantes em uma dada localidade. A autora esclarece ainda que os estudos de natureza dialetológica buscam também apresentar a influência de diversas culturas, crenças e costumes na história da região.

O léxico é, portanto, o nível máximo de representação de uma língua pela possibilidade de revelar o que Isquierdo (2008, p. 447) intitula de “condicionantes extralinguísticos”, materializados no vocabulário dos diferentes grupos sociais.

A língua funciona também como forma de identidade de um grupo, já que o vocabulário atualizado por um indivíduo evidencia marcas socioculturais do grupo a que pertence e do espaço geográfico onde reside ou nasceu, uma vez que é fato assente que condicionantes de natureza sócio-histórico-cultural e físico-geográfica podem motivar o surgimento de variedades na manifestação de uma língua (ISQUERDO, 2008, p. 447).

Dentre as possibilidades que o estudo do léxico proporciona, Isquierdo (2008) destaca a importância de sua dimensão regional, ressaltando que se torna excelente subsídio à Lexicologia, uma vez que traz elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo dos grupos comunitários, ou seja, ultrapassa os limites da língua, apontando o fato cultural que nela se deixa transparecer. O fator cultural, ademais, traz consigo outro elemento de fundamental importância ao estudo da língua, a sua variação, que ocorre durante o seu intenso uso, tanto nos atos de fala quanto na dimensão social.

Nesse sentido, Villalva e Silvestre (2014, p. 23) afirmam que “o conhecimento lexical que o falante possui num dado momento pode, pois, não ser idêntico ao de um momento anterior ou posterior: trata-se de um saber cumulativo e, também, degradável”. Por essa razão, em meio à profusão de variações linguísticas, o nível lexical constitui espaço para a análise das mudanças e das variações semânticas. O léxico brasileiro é rico tanto em palavras lexicais quanto em palavras gramaticais, assim como é abundante em expressões idiomáticas e variações que caracterizam os falares das diferentes regiões do imenso território; todo esse aparato lexical, uma espécie de inventário da língua, é disponibilizado aos falantes por meio de glossários e dicionários da língua portuguesa brasileira, instrumentos de extremo valor aos usuários em suas interações cotidianas, ou mesmo em criações tanto científicas quanto literárias.

Desse modo, este artigo analisa as variações semânticas da palavra “Turuna”, que permeiam toda narrativa construída na obra *Rio Turuna* (1964), de Eli Brasiense, destacando os processos de transferência de significação por meio de metáforas e metonímias, com destaque para as possibilidades de jogos de palavras e expressões

idiomáticas utilizadas pelo autor. A escolha dessa obra literária para análise semântico-lexicográfica deve-se à riqueza, ao tesouro vocabular nela encontrado, à característica regional e à sua importância para a cultura tocantinense.

Pelos aspectos mencionados, a trama apresenta uma rica possibilidade de observação e análise das variações semântico-lexicais, diatópicas e diacrônicas ocorridas na língua portuguesa do Brasil. Como assinala Marra (2020, p. 109), “o nível lexical apresenta-se como o lugar por excelência da instauração da mudança semântica”. Logo, é no léxico de uma língua que mais facilmente se pode observar o dinamismo com que as formas linguísticas se alternam e alteram.

Com essa finalidade, este trabalho debruçou-se sobre a obra literária *Rio Turuna*, que contempla um inventário lexical que reflete aspectos culturais, históricos, sociais e linguísticos regionais. Para a análise, serão realizados recortes da narrativa, com vistas a evidenciar a forma como o autor apresenta a estrutura composicional, o estilo e a forma da trama, através do aparato lexical selecionado e utilizado por ele.

O romance *Rio Turuna*, que compõe a obra de Brasiliense, na etapa definida por Almeida (1985) como “ciclo do Norte ou do Tocantins”, faz um recorte da sociedade goiana, no período compreendido entre as décadas de 1940 e 1960. Os traços linguísticos característicos da região do norte goiano, que mais tarde se tornaria o estado do Tocantins, conforme anotações e estudos do Póvoa (2002, p. 10), compreende o linguajar tocantinense, uma variação própria do norte goiano do período.

1. Método de Análise

Em conformidade com Coseriu (1985), as variações de sentido ocorrem em três níveis estruturais do saber linguístico: designação, significado e sentido. O autor define a designação ou a referência como a relação do ato linguístico com o objeto no mundo extralinguístico (conhecimento das coisas, do mundo). O significado se relaciona com o conteúdo linguístico, a forma particular de possibilidades de designação, que se relaciona com o saber idiomático, o saber linguístico historicamente dado. O sentido se relaciona com o conteúdo linguístico particular expresso por meio da designação e do significado.

Este estudo adota as distinções coserianas, uma vez que associa a realidade empírica à forma linguística de designação desse objeto e ao conteúdo semântico dele subtraído. Isso

torna possível a análise do termo *Turuna* e a apreensão de suas várias designações e sentidos, dicionarizados ou não, para compreender a estrutura composicional de todo o enredo. Assim, busca-se também a compreensão dos processos metafóricos e/ou metonímicos recorrentes na construção da narrativa, buscando identificar como efetivamente ocorrem na trama.

A análise destaca uma unidade lexical, elemento da língua indígena Tupi: *Turuna*. Esse é um vocábulo que envolve os conceitos sinônimos de força, valentia e coragem, cujos sentidos correlatos se apresentam no texto por meio de metáforas. Em seguida, faz-se uma busca pelo campo semântico da palavra *Turuna*, com vistas à verificação das variações de sentido que recobrem o inventário lexical da trama literária estudada. Para isso, levantam-se todos os empregos e os sentidos dessa palavra em seus contextos de usos.

A estratégia de apresentação e análise das palavras e das expressões lexicais objetos deste estudo ocorre por meio de fichas lexicográficas. A opção pelas fichas se deu pela possibilidade de melhor organização do texto, uma vez que foram selecionadas várias ocorrências de unidades lexicais e expressões que se relacionam com o sentido de *turuna*. Cada ficha traz uma palavra selecionada entre as mais utilizadas pelo autor, estrategicamente, referentes ao campo semântico de *turuna*. Em cada ficha, realiza-se a comparação de sentidos de cada termo, encontrados no dicionário Houaiss (2003), Dicionário de Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda (2004), Dicionário do Brasil Central, de Bariani Ortêncio (1983) e Dicionário Tocantinense de Termos e Expressões Afins, do Liberato Costa Póvoa (2002). Tais dicionários foram selecionados com o intuito de apresentar os conceitos das lexias selecionadas em dicionários de caráter geral da língua padrão e em dicionários de termos regionais.

Antes de apresentar as fichas, a análise traz elementos referentes à construção literária do autor, apontando a seleção lexical que define o estilo da obra e do perfil do próprio escritor. A intenção é apresentar as tantas possibilidades que o tesouro vocabular (BIDERMAN, 1981) da língua portuguesa oferece para a construção de obras literárias de estilos diversos. Com isso, espera-se contribuir para os estudos voltados ao fortalecimento, ao resgate e à preservação da cultura linguística regional e, conseqüentemente, ao fortalecimento da língua portuguesa do Brasil.

2. Relações de sentido entre a unidade lexical *Turuna* e o rio Tocantins

Turuna, segundo Houaiss (2003), é um adjetivo de dois gêneros, um termo regionalista; vocábulo indígena que significa poderoso, ágil, forte, bravo, valente. O dicionário Aurélio (2004), por sua vez, conceitua *Turuna* como substantivo masculino de origem tupi que significa “negro poderoso”. Póvoa (2002, p. 362), em seu *Dicionário tocantinense de termos e expressões afins*, colabora com a análise desse termo ao informar que se trata de um adjetivo que remete à qualidade do boi que, mesmo após castrado, conserva o garbo e o aspecto de touro.

O boletim cultural e memorialístico *Sabores e saberes*, de São Tiago MG, traz na seção *Curiosidades da nossa linguagem*, sobre termos e expressões regionalistas, o vocábulo *Turuna*, expresso como forte, valentão, maludo, impostor. Traz também o sentido de pessoa “gabarola”, que apresenta o que não é. Quanto ao sentido etnológico, esclarece o que é uma palavra de origem tupi (*tyr'una*), com o sentido de “valente”, “forte”, “capaz de tudo”; e no sentido original, significa “cano, monte ou qualquer objeto grande, de cor escura”. Cita também o referido boletim que o folclorista Cornélio Pires que apresenta a palavra *Turuna* com o sentido de “invencível”, como no exemplo: “Oia aqui, moço, você é mesmo *turuna* nesse jogo de pau”.

Entre os significados de *Turuna*, encontram-se também no dicionário informal do site de buscas Google as possibilidades do termo como adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros (indivíduo *turuna*), significando valente, destemido ou valentão. Nesse caso, o termo “valentão” remete a “um fracote metido a valente”.

Embora a unidade lexical seja também abordada em sentido oposto, conforme necessidade de utilização pelo autor, como citado acima, no romance aqui analisado, o autor utiliza diversas possibilidades da palavra *Turuna* e sua sinonímia, sempre no sentido de valentia e bravura. A começar pela escolha do título da obra, *Rio Turuna*, Brasiliense realiza sua primeira construção metafórica de várias de que lançará mão durante toda a narrativa.

Tocantins, o verdadeiro nome do rio em epígrafe, e sobre o qual a história é narrada, é um termo também indígena, do tupi *tukan* (tucano) + *tin* (nariz), ou bico de tucano, em referência ao encontro dos rios Araguaia e Tocantins, que tem um formato curvo que lembra o bico da ave; a região também é chamada de “Bico do Papagaio” e pertence ao estado que também recebeu o nome de Tocantins, em razão do rio, que, por sua vez, é personagem do romance *Rio Turuna*. Eli Brasiliense transfere para as páginas do livro recortes de sua

memória de criança, realizando um misto de ficção e realidade. A trama é entretecida como uma teia de palavras que, paulatinamente, envolvem o leitor, por meio dos jogos de elementos linguísticos que transportam sentido à narrativa.

O rio-personagem, *Tocantins*, é renomeado num processo metafórico e ocupa o título da obra como *Turuna*. As características do relevo local fazem desse rio, como bem explica Flores (2009, p. 10), um rio caudaloso e profundo. Sua enorme extensão o faz percorrer vales entre planaltos e planícies, fazendo dele um rio forte, grandioso, como contam historiadores e escritores.

Com aproximadamente 2.400 km de extensão, o rio Tocantins é o segundo maior curso d'água 100% brasileiro, ficando atrás somente dos cerca de 2.800 km do rio São Francisco, segundo dados do *site* de pesquisas virtuais *Escola Britânica*, por isso sua importância para a região central do Brasil. É um rio navegável por um vasto trecho de mais de 1.000 km, porém, por ocasião da abertura da rodovia Belém-Brasília, em 1960, a navegação fluvial entrou em declínio. Dada sua extensão, atravessa os estados do Tocantins, Maranhão e tem sua foz no Pará perto da capital Belém.

Em seu longo percurso de 2.400 km, o rio Tocantins segue entre planícies e planaltos até desembocar no Oceano Atlântico. Nesse trajeto, serpenteia entre diversos tipos de solo e vegetação, entre as quais o cerrado, matas subtropicais e veredas alagadiças. O rio propicia à fauna e à flora características específicas, assim como também colabora para a ocupação humana às suas margens, pelos chamados povos ribeirinhos, cuja cultura e identidade é construída e imbricada em tudo que o rio oferece. Flores (2009, p. 10) esclarece que o rio possibilita modos de vida que devem ser percebidos em suas particularidades, pois é um rio de múltiplas características. A autora afirma que “que são muitos rios em um só”. O rio Tocantins segue por trechos entre altos e baixos relevos, e suas marcas distintivas são “a alternância entre, corredeiras e estirões, cachoeiras e pedregais que lhe conferem a dignidade dos gigantes”, descreve Flores (2009, p. 10).

Os percursos navegáveis são dificultados pelas corredeiras próximas à cidade de Porto Nacional. Antes da criação do lago da usina hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, em 2002, o rio era intransponível em razão da proximidade com o trecho conhecido como Carreira Comprida, citado no romance *Rio Turuna*, composto por diversas pequenas ilhas,

circundadas por corredeiras e cascatas; tal é a força das águas nesse trecho que os pescadores locais o batizaram como “garganta do inferno”.

Flores (2009) acrescenta fatos sobre a importância dos índios na construção da história de nascimento do rio Tocantins. Um rio que desde sua denominação traz e sua essência a cultura indígena, suas fantasias e riquezas tão diversificadas entre o lendário e o mítico. Mesmo com a intervenção também do homem branco, o rio foi impregnado no imaginário popular e personificado entre o bem e o mal, o bom e o ruim, o alegre e o triste; alicerçou-se ali, às suas margens, uma sociedade que se serviu do rio e acabou por elaborar seu perfil identitário sempre dual, entre o imaginário lendário e o mítico; um homem influenciado pelo rio, ora corajoso ora medroso, ora perigoso e agitado, ora manso e calmo.

A sociedade ribeirinha também seguiu por longos anos retirando do rio sua cultura, sua subsistência e até mesmo sua moradia. O rio Tocantins por diversas vezes foi contemplado em textos literários, com descrições mais poéticas e metafóricas, porém não menos importante para compreensão de sua importância no imaginário popular e no cotidiano das pessoas da Região, declara Flores (2009). Entre os autores que inseriram o rio Tocantins como temática e/ou personagem, além de Eli Brasiense no romance ora analisado, também Gilson Cavalcante em suas poesias, por meio do livro, *Poemas da margem esquerda do rio de dentro* (2002); bem como o cientista Johann Emanuel Pohl, viajante estrangeiro, que percorreu o rio Tocantins em 1819, e “em meio às dificuldades da viagem, não se cansava de citar o rio como soberbo, majestoso, entre outras expressões”, relata Flores (2009, p. 12).

O rio que dá nome à trama é esse rio de longa extensão, caudaloso e profundo, que, pelos desafios e obstáculos enfrentados em seu percurso, é reconhecido por Brasiense como *turuna*. Assim, o autor realiza as primeiras das diversas metáforas sequenciais no texto, cuja seleção lexical é criteriosamente definida segundo objetivos da trama, como se lê nos trechos abaixo:

1. Este pedaço do rio é todo de mansidão mentirosa, menino! O Tocantins é rio macho, rio turuna meio amalucado. Mata caboclo forte só pra dizer que tem mais força (BRASILIANSE, 1945, p. 37).
2. Todos os homens de coragem poderiam cavalgar o Tocantins, que não era propriedade de ninguém, era estrada livre até o mar. Isto mesmo, Simão! O rio turuna era um poldro brabo, de lombo liso, que chotava nos travessões e disparava nas cachoeiras, bufando e pinoteando, sem

freio que o aguentasse. Chicoteado pelas luvas grossas, subia o barranco de uma noite para o dia, pegava gente de surpresa, levava casas e desmanchava roças. Desmoronava ribanceiras em corrida louca, a escavar a terra fôfa, onde esgaratava as raízes mais fundas. Escoceiava as árvores de encontro às perambeiras, espatifando-as. Depois chupava bastante ar pela bôca dos funis, para bufar com estrondo no estouro dos rebojos (BRASILIENSE, 1945, p. 36).

Vê-se no excerto que o rio é bravo e que os ribeirinhos que dele se servem são desafiados a ser como o rio. Há na construção literária também o intenso uso da prosopopeia, uma vez que o rio é “vivo” e metaforicamente é um “poldro brabo”, isto é, forte como o poldro indomável. Lê-se um rio turuna e também um rio definido sob um leque de diversos sinônimos do termo “turuna”. Nos dois parágrafos apresentados, o rio é uma “mansidão mentirosa”, é “poldro-brabo de lombo liso”, é “macho”, é “maluco”.

Desde o início da história contada, percebem-se os adjetivos definindo o rio e as personagens. Essa estrutura composicional marca o estilo do autor, assim como atende ao objetivo de tornar a obra instigante ao leitor. O léxico regional apresenta-se num jogo da construção literária por meio de sinonímias, envolvendo metáforas e prosopopeias abundantemente, figuras pelas quais os conceitos do vocábulo “Turuna” perpassam por toda história e vão dando o tom, o conceito, o estilo e a beleza da obra, como se vê nos excertos abaixo:

3. Depois veio um silêncio que dava medo. Marcelino não ouvia mais o barulho da cachoeira, cujos estrondos teriam talvez sido desviados pelo vento. A **água estaria dormindo** aquela hora? (BRASILIENSE, 1945, p. 30, grifo nosso)
4. O Tocantins é **rio macho** mesmo, **rio turuna**, **mata caboclo forte** só pra dizer que tem mais fôrça... (BRASILIENSE, 1945, p. 43, grifos nossos)
5. Era preciso **desafiar o rio**, **montar-lhe no lombo e amansá-lo**, como se dominava um poldro chucro [...] Todos homens de coragem poderiam cavalgar o Tocantins, que não era propriedade de ninguém, era estrada livre até o mar. (BRASILIENSE, 1945, p. 36, grifo nosso)

Nos excertos selecionados, percebe-se claramente um rio vivo, um ser “animado” no sentido de “ter alma”, de ser humano, portanto, instancia-se aí a prosopopeia em pleno e constante funcionamento; vê-se também, no segundo excerto, a metáfora efetivando-se em três níveis analíticos: como substantivo (rio turuna), adjetivo (rio macho), e verbo (um rio que mata caboclo forte).

3. A sinonímia nas metáforas: palavras e expressões lexicalizadas na narrativa

Fiorin (2014) define polissemia como uma rede de sentidos flexíveis, adaptáveis ao contexto e abertos à mudança e de impossível diferenciação precisa. A polissemia pode ser percebida de forma abundante no campo semântico que cerca o vocábulo *turuna*, fato que propiciou o intenso jogo de palavras que constrói a narrativa da obra. Para esta análise, foram selecionadas algumas palavras e expressões lexicalizadas referentes ao campo semântico *turuna*. A seleção se deu com o objetivo de apontar as diversas possibilidades de utilização sinonímica no jogo semântico e a estratégia metafórica em ação, com base nas escolhas lexicais realizadas pelo autor.

A compreensão dos sentidos expressos nessas construções lexicais se deve ao fato de a sociedade que permitiu a emergência da obra fazer usos constantes de tais unidades lexicais e expressões e de quem o autor as toma de empréstimo para a composição de sua obra. Como esclarecem Marra e Milani (2013, p. 130), é no seio da comunidade que as formas linguísticas assumem os contornos significativos que as caracterizam, pois “são os indivíduos que mudam a língua e as ações que a forçam à mudança obedecem a um único princípio: o de estar constantemente se adaptando às circunstâncias e às necessidades de seus usuários”.

As palavras e as expressões selecionadas remetem aos sentidos referentes a “força”, “coragem” e “bravura”, que definem o rio e também os ribeirinhos personagens da trama. A ficha a seguir apresenta as palavras pelo campo semântico respectivo, entre as mais utilizadas pelo autor na trama, segundo objetivos pré-definidos para narrar a trama.

Quadro 1: Termos definem o rio e os personagens principais da obra Rio Turuna

Termos analisados entre os conceitos e as expressões que definem o rio e os personagens principais na trama		
FORÇA	CORAGEM	BRAVURA
Turuna	Brabeza	Poldro brabo
Caboco forte	Tira-prosa	Rio macho
Homem de aço	Maluco	Cabra macho

Fonte: Maia (2021)

Observa-se que o autor realiza uma comparação abreviada sempre que cita a bravura do rio e dos personagens na sequência da história, revelando características de um sobre o outro, mais precisamente imputando aos personagens os conceitos que descrevem o rio:

6. O homem da margem do Tocantins havia de ser de aço, cabra capaz de matar onça canguçu com zagaia, de enfrentar sucuri grande como Manoel Bacaba, de retalhar um desaforado no facão, que nem meu vizinho Miguel. Era preciso desafiar o rio, montar-lhe no lombo e amansá-lo, como se domina um poldro chucro. Do contrário seria desmoralizado e jogado para os gerais, onde permaneceria sempre como um extraviado, um cisco atirado pelas enchentes. (BRASILIENSE, 1945, p. 36)

Nas sequências analisadas, as frases e os períodos são construídos metafórica e sinonimicamente, ou seja, o autor utiliza diversas palavras cujos significados repetem-se sequenciados em sinônimos, a fim de definir o rio ou o personagem no discurso, reforçando o conceito que quer exprimir, dando ênfase, colocando os sentidos em relevo. As sinonímias apresentadas são parciais, em sua maioria, pois são intercambiáveis somente no contexto exposto, isto é, apresentam o mesmo sentido na realidade retratada, como se veem nas fichas lexicográficas a seguir.

3.1 Fichas lexicográficas de palavras lexicalizadas

Ficha 1: Turuna

O Tocantins é rio macho, rio **turuna** meio amalucado. (BRASILIENSE, 1945, p. 36, linha 12, grifos nossos)

Registro do termo em dicionários:

Houaiss (2003): TURUNA - adjetivo de dois gêneros. Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

1. Ágil, forte, capaz de tudo
2. Valente, destemido ou valentão

Povoa (2002): TURUNA (adj.) - qualidade do boi que, mesmo após castrado, conserva o garbo e o aspecto de touro.

Aurélio (2004): (adj.) TURUNA [Do tupi = ["Negro poderoso"]] - Substantivo masculino Bras. Pop.

1. Forte, poderoso
2. Valentão

Bariani Ortêncio (1983): (adj.)

1. Forte, garboso, valente.
2. Ótimo, muito bom (ex: ... aí gente, a coisa vai sê turuna!)"

Fonte: Maia (2021).

Conforme a Ficha 1, a metáfora se instancia numa relação de sentidos, ocorrendo por meio da comparação abreviada do substantivo próprio Tocantins com palavras sinônimas do campo semântico do vocábulo *turuna*, que expressam valentia e bravura.

Ficha 2: Macho

O Tocantins é rio **macho**, rio turuna meio amalucado. (BRASILIENSE, 1945, p. 36, linha 12, grifo nosso)

Registro em dicionários:

Houaiss (2003): (Adj.):

1. Relativo a ou próprio do sexo masculino; masculino
2. Com características próprias do homem, como energia, força, virilidade; másculo

Povoa (2002): (Adj.):

1. relativo ao sexo masculino; próprio do sexo masculino;
2. Que apresenta características próprias do homem, como força, energia e virilidade; másculo.

*Diz-se de certos animais e plantas que têm o mesmo nome para ambos os sexos, distinguindo-se assim daquelas denominadas fêmeas.

Aurélio (2004):

1. (Subst. masc.):
Animal do sexo masculino; homem; v. valentão; dobradura de pano em pregas; Macha; colchete para vestuários, decoração etc.; instrumento para concavar a madeira; molde de barro empregado nas peças ocas; *Tec* – peça de formato cônico ou cilíndrico, provida de um orifício, e que gira no interior do corpo de certas válvulas, possibilitando a interrupção rápida do fluxo de fluido; *ant.* grilhão; *chulo* – Amante, amásio.
2. (Adj. Masc.); diz se de certos animais que têm o mesmo nome para ambos os sexos; *pop* – Forte, robusto, másculo; *Bras.* V. valentão

Bariani Ortêncio (1983): (Adj.)

Valente, peitudo; (ex.: *Mané era negro macho, era cabra mais ruim do que uma boicininga das velhas*).

Fonte: Maia (2021).

Em referência à Ficha 2, o autor utiliza *turuna* como adjetivo, comparando a força do rio com a força e virilidade masculinas de forma abreviada, por similaridade. Nesse caso, em se tratando de um contexto interiorano e regional, há uma familiaridade contextual relativa aos conceitos empregados àqueles que enfrentam a realidade matuta. O rio é forte, é macho, como o são os ribeirinhos locais, assim sendo, os campos semânticos das palavras que conceituam força são entrelaçados possibilitando o uso da sinonímia.

Ficha 3: Adoidado

Não o Tocantins não era rio mau. Era rio turuna, meio **adoidado**, como dizia o velho Simão. Marcelino estava certo de que era o rio mais bonito do mundo [...] (BRASILIENSE, 1945, p. 66, linha 19, grifo nosso)

É como tou te dizendo, menino! Êste rio é **cabra doido** que mata só gente afoita. Eu cá não tenho medo dêle não, já brigamos muito, e êle nunca desmoralizou gente como eu e o compadre Zeca Pilôto, que Deus o tenha! (BRASILIENSE, 1945, p. 66, linha 15, grifo nosso)

Registro em dicionários:

Houaiss (2003): *sem registro

Michaellis (2011): (Adj.):

1. Que é doido ou apresenta comportamento de doido; abilolado, amalucado.
2. Que não tem juízo ou prudência; desatinado, estouvado.

3. Adverbo coloquial: Em grande quantidade, a rodo.

Povoa (2002): * sem registro

Aurélio (2004): (Adj.) v. amalucado. [a+ doido+ ado]

Dicio (Dicionário online de Português):

(Adj.): Que se comporta ou tende a ser maluco; que é doido; amalucado. Que age de maneira inconsequente; que se comporta sem reflexão; estouvado; que é agitado; que não para quieto; desvairado;

(Adv.): De maneira intensa; em excesso ou demasia: ele come adoidado; Etimologia: (origem da palavra *adoidado*). A + doido + ado.

Bariani Ortêncio (1983):

Com muita vivacidade; com grande intensidade. (ex.: o meu disco está vendendo adoidado”; “irritados e mal orientados aplicam muitas adoidadas e irresponsavelmente e praticam as mais grotescas arbitrariedades sem que os motoristas tenham direito a qualquer defesa”.

Fonte: Maia (2021).

O termo *adoidado* instancia-se na Ficha 3 como adjetivo tanto quanto como advérbio. Observa-se, nas construções metafóricas do texto, a utilização de mais de um adjetivo para definir rio e personagens. A técnica marca o estilo do autor, caracterizando a sinonímia, acentuando e reforçando os conceitos que deseja empregar, enquanto os repete por meio das palavras sinônimas.

Ficha 4: Brabeza

O homem forte, nascido e criado ali, mesmo de aparência franzina, navegava o rio brincando, porque se acostumara com sua **brabeza** desde menino. (BRASILIENSE, 1945- p. 36, linha 27, grifo nosso)

Registro em dicionários:

Houaiss (2003): (Sub. fem.)

1. Braveza (no sentido de ‘ferocidade’)
2. Animal que se cria à solta nos matos <ir pegar *b.* no sertão>
3. Criado solto no sertão <boi, cavalos brabeza>

Povoa (2002):

1. Manada de gado bravo (O gado da fazenda Bonina era manso, mas havia umas brabezas nos lados da serra que não vinham de jeito nenhum ao curral).
2. Animal bravo, que não vai ao curral. Existe uma reza, denominada “Reza contra rês brava”, que é pronunciada quando se quer atravessar um local onde existe brabeza.

Aurélio (2004): (Sub. fem.) (Bras.Cabo Verde, Guiné) [brabo+eza]. v. braveza. Adjetivo de dois gêneros e dois números:

1. Feroz, selvagem - “*Pois é: o menino saiu com o copinho dele para o pai encher de leite, e tinha um marruco brabeza do sertão que ninguém num lembrava*” (Bernardo Elis, *Veranico de Janeiro*, p. 22)

Michaellis (2011): (Sub. Fem.). Coloquial:

1. Brabeza.
2. Animal criado à solta no mato.

Bariani Ortêncio (1983): Brabeza – Bravez.

1. Gado criado à solta, sem “custeio”, que faz com que se torne feroz.

Fonte: Maia (2021).

Aqui o autor compara a força do ribeirinho à força do rio, que, por sua vez, tem a força do boi criado solto no mato (definição encontrada em alguns dicionários). Mais uma vez a sinonímia faz sentido pelo contexto em que se dá. Há um deslizamento de sentidos na construção textual, de forma intensa e abundante, tecendo uma história contada por meio do jogo de palavras, das designações e das significações que colaboram para atrair a atenção do leitor.

3.2 Fichas lexicográficas: Expressões lexicalizadas

A maioria das expressões não foi encontrada nos dicionários pesquisados. Trata-se de expressões idiomáticas regionalizadas na obra literária. Como a própria palavra diz, a expressão é carregada mesmo de expressividade, de significação, é a forma mais próxima de expressão dos sentimentos dos falantes, de maneira coloquial.

Ficha 5: Cabra-macho / Rio Macho

O Tocantins é **rio macho** mesmo, rio turuna, mata caboclo forte só para dizer que tem mais força. (BRASILIENSE, 1945, p. 43, linha 20, grifo nosso).

O início da decadência dos botes fôra a chegada de uma lancha a vapor, cujo apito fanhoso começou a espantar as assombrações do Tocantins. Simão não considerava aquilo invenção de gente.

Essas porcarias vão acabar com os **cabra-macho** da beirada do Tocantins... (BRASILIENSE, 1945, p. 45, grifo nosso).

Registro em dicionários:

Houaiss (2003): “cabra-macho”. Sub. Masc.

1. Regionalismo: Brasil. Uso: informal.
2. Indivíduo corajoso, decidido, valente; cabra da peste, cabra-onça, cabra-seco, cabra-topetudo.

Povoa (2002): Cabra (Sub. Masc.)

1. Sujeito; indivíduo (Nunca vi cabra mais ordinário do que aquele).
2. Jagunço (Lampião foi morto em Angicos com quase todos os seus cabras).

Houaiss (2003): Macho (Adj.)

1. Relativo ao próprio do sexo masculino; masculino.
2. Com características próprias do homem, como energia, força, virilidade; másculo.

Bariani Ortêncio (1983): Expressão sem registro.

Aurélio (2004): Macho (Adj.). Relativo ao próprio do sexo masculino; masculino.

Fonte: Maia (2021).

Conforme a Ficha 5, percebe-se a metáfora ocorrendo por meio de uma sinonímia parcial uma vez que os sentidos referem-se ao mesmo conceito somente em alguns contextos específicos. Nessa junção de termos carregada de expressividade, tem-se o vocábulo “macho” e a expressão “cabra-macho” designando valentia em algumas regiões do Brasil, porém o conceito foi mais encontrado, em registros de dicionários, para definir masculinidade, força e virilidade.

Ficha 6: Poldro-brabo

O rio turuna era um **poldro brabo**, de lombo liso, que chotava nos travessões e disparava nas cachoeiras, bufando e pinoteando, sem freio que o aguentasse. (BRASILIENSE, 1945, p. 36, linha 28, grifo nosso)

Registro em dicionários:

Houaiss (2003): (Sub. Masc.)

- a) Poldro = cavalo novo; potro .
- b) Brabo = adjetivo.
 1. Bravo (no sentido de 'feroz', 'danado', 'irritadiço', 'severo', 'tempestuoso', 'agreste', 'denso', 'forte', 'de difícil cicatrização').
 2. Que não sente temor, que não teme perigos; destemido.
 3. Que tende a se envolver em rixas; brigão, exaltado.

Povoa (2002): Brabo (Adj.) - Bravo.

Bariani Ortêncio (1983): Brabo.

1. Declive forte.
2. Diz-se do ponto de apoio muito forte, mal ajustado.
3. Pessoa de índole dada a valentia.

Aurélio (2004): (Subs. Masc.). Poldro = cavalo novo; potro.

Fonte: Maia (2021)

Também nesse exemplo a metáfora se dá no contexto dado pela trama. É significativo, faz sentido para aqueles que compartilham da mesma realidade. Trata-se novamente da sinonímia parcial comutando em um cotidiano interiorano e campestre. O autor compara a força do rio à força do animal, transferindo ao rio as características do poldro irritadiço, indomável e galopante.

Ficha 7 – Caboclo forte

Mata **caboclo forte** só pra dizer que tem mais força. (BRASILIENSE, 1945, p. 36, grifo nosso)

Registros em dicionários:**Houaiss (2003):** (Sub. Masc.)

1. Indivíduo nascido de índia e branco (ou vice-versa), fisicamente caracterizado por ter pele morena ou levemente avermelhada e cabelos negros e lisos.
2. Curiboca.
3. Denominação atribuída a selvagem brasileiro que tinha contato com os colonizadores.
4. Qualquer mestiço de índio; tapuío
5. Indivíduo (esp. habitante do sertão) com ascendência de índio e branco que o estereótipo costuma descrever como desconfiado e retraído.
6. Caipira, roceiro, matuto.

Povoa (2002): (Sub.)

1. Caboclo = índio, independentemente de nação ou grupo; descendente de índio; caboco; compadre; tapuío.
2. Caboco - V. caboclo.

Bariani Ortêncio (1983): expressão sem registro.

Aurélio (2004): Forte = (Adjetivo de dois gêneros)

1. Que tem grande força física e/ou orgânica; cujos músculos são bem desenvolvidos, robusto, vigoroso

*** Expressão não dicionarizada**

Fonte: Maia (2021)

Na ficha acima, a metáfora não é apresentada em funcionamento pleno, porém detecta-se a disputa de forças entre o rio e os ribeirinhos, permeada na história do início ao fim. O termo se instancia como substantivo masculino referente a índio, ou pessoa matuta; mas também se refere ao sujeito de grande força física. Assim, o autor segue utilizando da sinonímia parcial, comutando termos significantes ao contexto sertanejo caipira.

Ficha 8 – Tira-prosa

Tu bem sabe que o Tocantins é rio **tira-prosa...** (BRASILIENSE, 1945, p.15, linha 35, grifo nosso)

Registros em dicionários:**Houaiss (2003):** (Adj. de dois gêneros).

1. Que revela perfeição; perfeito.
2. Adjetivo e substantivo de dois gêneros.
3. Diz-se de ou indivíduo valentão.

Povoa (2002): *Expressão sem registro

- PROSA (Sub.) 1. Conversa (O compadre Miligido tem uma prosa muito boa). 2. Desaforo (Quando eu encontrar com aquele moleque, vou enchê-lo de prosa).
3. (Adj.) - fanfarrão; que conta vantagens sobre o que faz ou o que diz ter feito (Esse Benedito é muito prosa e vive apregoando que ele foi o responsável pela verba que chegou).

Bariani Ortêncio (1983): * Expressão sem registro

PROSA: 1. Conversa fiada; 2. Valentia falsa; 3. Pessoa que conversa muito, conta muita prosa. Ex: “Só tinha prosa – basófia, papo, conversa fiada.” (C.Tavares, Glos. CFF-EC-B. T.França)

Aurélio (2004): * Expressão sem registro

Fonte: Maia (2021)

A expressão idiomática tira-prosa ultrapassa o significado literal, implicando uma leitura contextual. É interessante analisar o sentido do termo “prosa”, em separado, que significa “valentia falsa”, “conversa fiada”, ou atitude de alguém que conta mentiras. Então a expressão no sentido literal, no contexto literário proposto, designa o “ato” do rio que questiona a bravura dos que o desafiam. A expressão, além de carregada de sentidos conotativos, é apresentada num deslizamento metafórico expressando a bravura de um rio cheio de obstáculos, que exige força e coragem daqueles que o “enfrentam”, portanto, um rio desafiador que, segundo a percepção dos ribeirinhos, é por isso “tira-prosa” dos contadores de vantagem.

As palavras e as expressões lexicais selecionadas pelo autor e apresentadas nas fichas lexicográficas serviram como uma breve sinopse da estratégia utilizada pelo autor no jogo de palavras apresentado em toda a trama. O grupo semântico de referidos termos remetem, sem exceção, à bravura e à valentia do homem ribeirinho. Percebe-se também, ao analisar as fichas, supostamente, uma crítica velada à valorização do papel do masculino em detrimento do feminino, no recorte temporal da história, dado o excessivo uso de substantivos, verbos e adjetivos voltados ao universo masculino.

Considerações finais

Este estudo buscou compreender a construção textual literária de um romance de características regionalistas, com a finalidade de desvendar o sutil e instigante jogo de combinações de palavras e seus sentidos. Infere-se ao final de toda a análise que, assim como os aspectos contextuais interferem na semântica dos significantes, as construções sintagmáticas também, muitas vezes, adquirem significados diferentes no contexto, conforme intenção do autor.

Na construção das frases em que se designam o *Rio* e qualificam os personagens, como no exemplo *O Tocantins é rio macho, rio turuna meio amalucado*, ser macho é sinônimo de masculinidade e de bravura também, há deslizamento de sentidos, numa teia que parece conduzir a um retorno constante aos mesmos espaços do dizer. O discurso em torno do objeto no mundo empírico *Rio* é parafrástico. Dizem-se diferentes dizeres, mas com um retorno ao mesmo espaço do dizer: *Turuna*. *Turuna*, bravo, valente, macho são adjetivos com os quais se chega ao objeto no mundo empírico *Rio*. São formas de alcançar esse objeto no mundo. Há uma série de significados/conceitos em torno dos quais o significante/objeto no mundo empírico *Rio* orbita.

Analisar uma palavra é perceber tanto a sua singularidade quanto as suas possibilidades semânticas na sua relação com o todo. Atingir a compreensão de funcionamento do processo utilizado, segundo a liberdade criativa do autor, num primeiro momento foi como desvendar um intrincado quebra-cabeças que aos poucos se revelou, evidenciando a lógica interna do aparato lexical utilizado, bem como suas motivações semânticas no processo de definição e aplicação de um conceito, e, na obra em questão, por meio de um vocábulo e seu leque de variações de sentido.

O estudo mostrou, sim, as várias possibilidades de reunião de sentidos referentes ao mesmo vocábulo, distribuídos em tantas outras combinações frasais, com o intuito de reforçar o conceito central *Turuna*, que permeia toda a trama. Verificou-se ainda que há expressões que são dicionarizadas, mas não são utilizadas no dia a dia, outras expressões refletem o momento histórico, a cultura, mas não são dicionarizadas; outras até que são utilizadas e conhecidas na atualidade, entretanto não foram registradas em dicionários. A maioria das expressões apontadas precisam ser contextualizadas na trama, porém não conseguem ser esclarecidas apenas ali, pois necessitam dos elementos extralinguísticos para a composição do sentido.

Conclui-se que as expressões e as palavras lexicalizadas presentes em *Rio Turuna* são peculiares a uma região, época, povo e cultura, assim como são expressões que representam um período marcado pelo sofrimento e pelas contradições referentes aos conceitos de ética e justiça, marcado também pela necessidade de usar e mostrar a força física em detrimento do intelecto, uma vez que prevalecia naquele período da história, de forma menos velada, a

demarcação tanto de espaços físicos quanto psicológicos pela força física, pela coragem e pela determinação dos habitantes locais.

A análise semântica realizada por meio da Lexicografia trouxe à baila o leque de possibilidades geradas pela polissemia dos signos e a enriquecedora sinonímia acontecendo em plena trama, em meio a diálogos e demais construções da narrativa. Assim, a composição lexical cumpriu seu papel de contar uma história marcadamente regionalista, uma vez que fez emergir características atitudinais dos povos da região dos sertões brasileiros e principalmente o modo de falar aqui entendido, por meio dos autores consultados, como o falar sertanejo caipira.

Enfim, percebeu-se em toda narrativa a criteriosa seleção lexical contribuindo decisivamente para a elaboração de um enredo instigante e curioso e intencionalmente pré-definido segundo o estilo literário do autor em pauta. A pesquisa ratificou a importância da seleção lexical para a construção de um enredo literário, desde a caracterização do gênero, a definição de estilo autoral, enfim de toda marcação conceitual da obra, por meio da estrutura composicional.

Referências

- ALMEIDA, N. A. de. **Presença literária de Eli Brasiense**. Goiânia: UCG, 1985.
- BIDERMAN, M. T. C. **A estruturação mental do léxico**. São Paulo: Queroz/EDUSP, 1981.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BRAIT, B. A construção do sentido: um exemplo fotográfico persuasivo. **Língua e Literatura**, n. 21, p. 19-27, 1994/1995.
- BRASILIENSE, E. **Rio Turuna**. Goiânia: UFG, 1964.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- COSERIU, E. Linguistic competence: what is it really? **The Modern Language Review**, n.80, v.4, p.xxv-xxxv, 1985.
- DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- FERREIRA, A. B. O. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

- FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FLORES, K. M. **Caminhos que andam**: o rio Tocantins e a navegação fluvial nos sertões do Brasil. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2009.
- HOUAISS, A.; DE SALLES VILLAR, M.; DE MELLO FRANCO, F. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- ISQUERDO, A. N. Normas lexicais no português do Brasil e desafios para a lexicografia brasileira. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (org.). **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 447-458.
- JAKOBSON, Roman. **Essais de linguistique générale** (1963). Cité à la, v. 9, 1963.
- LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M. S., V.; NEVES, M. F. (org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 49-86.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Londres: University of Chicago Press, 1980.
- MARRA, D. Os níveis da linguagem: a teoria linguística de Eugenio Coseriu. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 67, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/16674>. Acesso em: 31 mar. 2024.
- MARRA, Daniel. Cerrado e Veredas: designação, sentido e mudança semântica. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 105–127, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/163404>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- MARRA, D.; MILANI, S. E. Reflexões acerca do conceito de língua como uma instituição social em William Dwight Whitney. **Cadernos do IL**, [S. l.], n. 46, p. 129–147, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/35837>. Acesso: 27 mar. 2024.
- ORTÊNCIO, W. B. **Dicionário do Brasil Central**: subsídios à filologia: linguagem, usos e costumes, folclore, toponímia dos municípios goianos. São Paulo: Ática, 1983.
- POHL, João Emanuel. **Viagem no interior do Brasil empreendida nos anos de 1817 a 1821**. Instituto Nacional do Livro, 1951.
- POVOA, J. L. **Dicionário tocantinense de termos e expressões afins**. Edição do Autor, 2002.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SILVA, A. S. da. **O mundo dos sentidos em português**. Polissemia, semântica e cognição. Coimbra: Almedina, 2006.
- VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. **Introdução ao estudo do léxico**. Descrição e análise do português. Petrópolis: Vozes, 2014.